

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Tradução Urbano Zilles. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

A Filosofia na contemporaneidade ganhou um impulso singular a partir do pensamento que Edmund Husserl (1859-1938) desenvolveu e que chamou Fenomenologia, entendida não apenas como um método, mas como uma postura diante da realidade, e que lhe permitiu ser um dos maiores pensadores do século XX. O que deixou escrito ultrapassou os limites da Filosofia e alastrou-se pela psicologia, pedagogia e outras tantas áreas do conhecimento.

O pensamento husserliano é, geralmente, dividido por seus comentadores em três etapas. A primeira marcada pelo logicismo das *Investigações Lógicas* (1907), a segunda, pelo idealismo transcendental das *Ideias*, e a terceira pelo vitalismo histórico da *Crise das ciências europeias*. Tendo-se dedicado, nas duas primeiras fases, à elaboração do método fenomenológico e à sua aplicação, detém-se, na terceira etapa de seu pensamento na análise de um fenômeno específico: a crise das ciências e da vida europeia.

O opúsculo analisado para esta resenha foi aquele aparecido em meados de 1934, apresentado inicialmente como uma conferência, intitulado *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*. Tal escrito da maturidade do pensamento do autor aborda o tema da crise europeia e traz importantes reflexões, partindo da análise fenomenológica do fenômeno Europa.

Divido em três pequenas seções, o texto visa analisar rigorosamente o fenômeno Europa na busca de uma ligação entre a crise e a Filosofia, na pretensão de aí encontrar uma raiz do problema em questão. O diagnóstico de Husserl será dado a partir da aplicação do método fenomenológico. Por isso tantas são as observações preliminares, em nada vãs, mas muito pertinentes. A primeira delas é de que o que se entende por Europa não é apenas o continente físico e cartograficamente demarcado, mas compreende também aqueles territórios que espiritualmente “beberam” da cultura europeia. Noutras palavras, trata-se do Ocidente

cultural. Outra observação posta preliminarmente é a de que as ciências exatas tiveram mais êxito, ultimamente, que as ciências humanas.

Prosseguindo sua análise, Husserl constata que é compreensível que haja uma crise nas ciências europeias desde que se olhe tal acontecimento com vistas numa teleologia da história, ou seja, desde que se compreenda que a Europa tem um *télos* histórico diferenciado. Para isso, faz uma retomada histórica que tenta precisar o surgimento deste *continente espiritual*.

Na análise feita, chega-se à conclusão de que a Filosofia, como criação cultural especial ao lado da ciência, é que fundamenta o *télos histórico* da Europa. Ela surge na Grécia antiga. Lá, é que o pensamento filosófico se desenvolveu como atividade infinita do espírito humano. A atividade contemplativa, o esforço da razão, superou a mera conformidade com o natural e fez tomar corpo essa forma cultural tão elevada. Da ingenuidade do sensível à busca da verdade, o trabalho dos gregos se espalhou por toda a Jônia e para além da Jônia. Mesmo que tenha sido, inicialmente, um conhecimento para poucos, a Filosofia tornou-se a base para tudo o mais que o ocidente construiria nos séculos seguintes. E as manifestações culturais posteriores teriam de conseguir assentar-se sobre as bases filosóficas para se estabelecerem. A Filosofia grega, portanto, iniciada em um grupo seletivo, depois espalhando-se pela redondeza, finalmente constitui uma supra-nacionalidade que orientará a atividade humana, agindo, nos termos de Husserl, como *die archontische* – função diretriz – sobre toda humanidade.

Dando um salto histórico de mais de quinze séculos, Husserl prossegue sua abordagem detectando e comprovando que foi no período dos séculos XVII a XIX que a crise se enraizou. Ele nomeia o racionalismo como a raiz da crise das ciências europeias. Em contraposição à racionalidade grega, orientada para um *télos* que visava humanizar a atividade humana, a racionalidade moderna fecha-se em si mesma e desconhece o mundo circundante. A Filosofia é tarefa infinita que se processa teoricamente na busca e na reunião das verdades e que se verifica no concreto cotidiano, no proceder dos homens. As tentativas de sistematização que encerram em si uma verdade ou a especialização científica, de algum modo prejudicam esse processo no infinito, e elas mesmas – a sistematização e a explicação – mostram por si mesmas que não se efetivam, haja vista as contradições que surgem. Por outro lado, o filósofo necessita deter-se num aspecto para não se perder no mar da razão. Isto não é mau. Contudo, não se pode perder o horizonte totalizante da filosofia, encarada como ciência universal.

Para Husserl, a filosofia passa pela ingenuidade, mas não pode apresar-se a ela. A ingenuidade é entendida como o *objetivismo*, que se expressa decisivamente em todas as espécies de naturalização do espírito. Tendo começado como cosmologia, a Filosofia não se manteve naturalista, mas abriu-se, da finitude da busca de uma *arché* natural à infinitude da percepção da indefinição da natureza, por exemplo. A natureza, o espaço, o tempo tornam-se, nos termos husserlianos, *idealmente* prolongáveis. A filosofia não se ateu no materialismo de Demócrito, mas seu auge deu-se após a posição socrática de investigar o homem em sua humanidade. O espírito humano, sendo uma realidade natural funda-se na corporeidade, mas não se restringe a ela. Assim sendo, não é possível objetivar o espírito numa análise única, reduzindo-o, por exemplo, ao psíquico, como quis o psicologismo de Brentano.

É de se espantar que a Modernidade, com o racionalismo, não tenha atentado para tal questão. Husserl sinaliza para o abandono do mundo circundante, o *Lebenswelt*, conceito que aparece fortemente nesta última etapa de seu pensamento. Não se trata do mundo externo, do mundo das coisas organizadas, simplesmente. Trata-se do mundo humano, mundo vital, que constitui a base de toda atividade mental e que não pode ser deixado à parte.

Concluindo o seu escrito, o pai da escola fenomenológica intui: “a ‘crise’ então pode ser esclarecida como o fracasso aparente do racionalismo”. E encerra como que profetizando dois caminhos para além da crise. Ou se terá a hostilidade ao espírito, a barbárie ou se renascerá o espírito num ato heroico da razão (não mais inflada nem objetivada como antes). O apelo final de Husserl é que os europeus não se deixem vencer pelo cansaço, mas que lutem pela sua Europa.

A tese de fundo que Husserl se vale neste opúsculo, em síntese, é a de que o positivismo e instrumentalização da razão objetivaram-na e fizeram as ciências do espírito perder forças frente ao naturalismo. Nesta fase final do seu pensamento, prevê uma fenomenologia que vê na história a porta de entrada para se compreender o fenômeno da crise. O esquecimento da história e do mundo da vida (*Lebenswelt*) está também na raiz da crise que assola seus contemporâneos.

Embora tenha sido escrito num período, o problema identificado por Edmund Husserl e as consequências previstas quase que em tom profético no final da conferência são aplicáveis ao mundo de hoje. Percebe-se tal crise em muitos aspectos da vida ocidental – da moral à ciência. Além disso, este escrito permite uma percepção do uso do método fenomenológico. É

evidente o rigor e a precisão com a qual escreve sua análise, ainda que use uma linguagem mais acessível (até mesmo porque se trata de uma conferência). A sequência dos argumentos, dispostos num primeiro momento de retrospectiva histórica, depois o diagnóstico da crise e por fim, uma breve síntese, fazem o texto ser de uma agradável leitura. Para aqueles que desejam um olhar sobre as raízes da crise contemporânea e querem refletir seriamente sobre as possíveis saídas esta pequena obra é vivamente recomendada.

Gregory Pablo Rial Araújo

(Graduando em Filosofia pela FAM)